

PAUVERT, Jean-Jacques.
Métamorphose du Sentiment Érotique.
Paris: JCLattès, 2011.

Elizângela Inocência MATTOS¹

Ao buscar o significado da palavra erótico, nós leitores encontramos um adjetivo com duas ideias, a primeira, vinculada ao amor; e a segunda, ao sensual, ao lascivo. Assim a sensualidade está atrelada, em um primeiro momento, ao que se toma por erotismo. Sinônimo de lubricidade, do que é voluptuoso, o erótico se relaciona ao amor sensual. Como pensar atualmente o sentido desta palavra, no qual está incutido o de pornografia?

O livro de Jean-Jacques Pauvert, *Métamorphose du Sentiment Érotique*, direciona-nos a uma resposta, ao apresentar um panorama do sentimento erótico, mostrando as nuances de uma mesma palavra ao longo da história, e da composição, do que nomeiam literatura erótica, criticando seu cunho classificatório, ao tomar certas obras a partir de categorias pré-fabricadas.

O erótico situa-se para e em relação ao indivíduo e, dessa maneira, compõe-se a partir do olhar daquele que vê, distanciando-se de

¹ Professora do curso de Filosofia da Universidade Federal do Tocantins, doutoranda no PPG de Filosofia da UFSCAR. E-mail: elizangelamattos@uft.edu.br

toda classificação prévia. Dessa forma, catalogar certas obras como eróticas enfraquece o que se entende como sentimento erótico, tomando como regra, algo de cunho subjetivo e vinculado à imaginação.

Os ensaios de Pauvert analisam o aspecto vivo da palavra erotismo, abordando o conceito de várias maneiras, a fim de reconhecê-lo mesmo em suas manifestações na literatura oral.

Por ser viva a palavra, Pauvert reconhece não esgotar todas as suas possibilidades. Reconhece que as surpresas em relação ao tema são possíveis e que essas mudanças foram alcançadas, mesmo que por um breve momento, deixando ao leitor a ideia de que o erótico, a despeito de suas múltiplas transformações, não se situa em um lugar estanque.

Sendo assim, o que se caracteriza como erótico e qual a diferença entre ele e a pornografia? Se nos dias de hoje, essas duas palavras acabam por designar coisas parecidas, outrora havia uma distância entre elas. Relacionado ao escondido, sofrendo os efeitos da censura, o erótico esteve atrelado ao favorecimento da imaginação, exatamente por esse *algo por dizer*, a ser revelado, ou mesmo, compreendido como uma lacuna a ser preenchida, numa palavra, num desvelamento. No entanto a pornografia não permite o escondido: tudo está à mostra, sem nenhuma reserva que permita à imaginação uma apreensão subjetiva do fato narrado.

A expressão literatura erótica, salienta o autor, é bastante recente, considerando as transformações ocorridas no conceito em seu percurso histórico. Primeiramente, tratava-se de obras que apresentavam o amor como tema, como sujeito, nas quais a evocação sexual residia de maneira extremamente velada. Esta pode ser verificada na literatura oral da Mesopotâmia e do Egito. Tal preocupação literária alcançou a Índia antiga, passando pela China, onde textos de um erotismo ardente foram descritos.

Com o texto impresso e sua difusão a partir do fim do século XV, permitiu-se, com a circulação das obras, que se instaurasse a censura generalizada no Ocidente. Exemplo disso foia a interdição em 1527 de um texto, intitulado *Origine delli Volgari Proverbi (L'origine des proverbes vulgaires)*, de Cynthiodegli Fabritii.

No capítulo dedicado a constituição da libertinagem, Pauvert relata que, em 1619, Théófilo foi acusado de ateísmo, após a publicação de *Le Cabinet des Muses*, por apresentar versos *pouco cristãos*. A libertinagem, atrelada ao livre pensar, referia-se, ao que o autor descreve como o libertino, o rebelde que atua contra a escola literária oficial.

Pauvert foi alvo de processos, quando, em 1947, aos 21 anos, publicou as obras completas do Marquês de Sade. Ele havia sido acusado de publicar textos escandalosamente eróticos (logo após ter publicado a *História D'O*, de Pauline Réage). A edição dessas obras o fizeram ser conhecido como um editor especializado em erotismo.

Para Pauvert, a própria expressão literatura erótica se situa em um terreno nebuloso, dado que classificar implica, de alguma maneira, tolher o olhar de cada um, e por conseguinte a própria capacidade imaginativa. O erótico assim resulta também de deixar algo que a imaginação possa apreender à sua maneira, representando com isso a leitura subjetiva. Portanto ele se opõe à pornografia que tudo mostra, tudo explica, ou seja, que desfavorece a interpretação pessoal e, mais ainda, a utilização dessa faculdade, tão importante na sua representação. De outro modo, não há diálogo possível com a imaginação. No tudo mostrar, não há o interdito, a possibilidade de desvelamento.

Nessa reunião de ensaios, Pauvert enumerou quatro condições por meio das quais passou-se a considerar a literatura erótica, a partir do século XVIII, sob o efeito jurídico: primeira, ferir os bons costumes e a religião estabelecida; segunda, ter a intenção de excitar as paixões sensuais; terceira, utilizar-se de uma linguagem indecente, obscena e; quarta, ser agressiva aos princípios fundamentais de moral.

A trajetória do livro elucidada o erótico e justifica como o primeiro sentido do erótico deu lugar ao segundo, ao amor sensual, atrelado ao corpo. Este, na modernidade, perdeu seu recurso interdito, dado o fato de tudo mostrar, não deixando um véu a ser desfeito. Desse modo, esta torna-se uma obra fundamental tanto para os estudiosos do tema como àqueles que procuram conhecer o percurso do erotismo ao longo dos tempos.

Se hoje, as palavras erotismo e pornografia possuem o mesmo sentido, a obra de Pauvert nos mostra que outrora a diferença entre elas foi extremamente significativa. É a esta que se refere a fórmula atribuída ao cineasta Chris Marker: “A pornografia é o erotismo dos outros.”